

MAPAS DA CIDADE: AUTORIA, IDENTIDADE E CIDADANIA OU  
“E O NOSSO LIVRO, PROFESSORAS, QUANDO SAI???”

Jane Mari de SOUZA

(Escola Municipal de Primeiro Grau Marcílio Goulart Loureiro)  
(Mestrado em Letras – UFRGS)

Ana Cláudia Sousa ZATT

(Escola Municipal de Primeiro Grau Gilberto Jorge da Silva)  
(Mestrado em Letras – UFRGS)

Na sala de aula o mundo tem de entrar de verdade. Na sala de aula precisamos realizar as coisas que estão no mundo... Foi assim, com essa convicção, que tudo começou. E tudo começou bem assim.

Março de 1991, Grande Porto Alegre, município de Cachoeirinha, Escola Municipal Getúlio Vargas, lá pela terceira semana de aula, falas desse teor começam a pulular nas bocas dos alunos de duas agitadas quintas séries: “Quem essa professora Jane pensa que é pra escrever esse baita bilhete no meu texto e pra dizer que eu tenho que começar a gostar de ler livros sim, caso contrário minha escrita nunca vai se ajeitar??? Legal mesmo era a professora do ano passado!”

Maio de 1991, lançamento do livro *Memórias de Cachoeirinha*,

lançado pela Prefeitura nas atividades de comemoração de aniversário da emancipação do município e que tratava da história da formação de Cachoeirinha. Os alunos conhecem o livro, que não é um livro qualquer, mas sim "o livro", aquele que conta a história do lugar que os pais deles escolheram pra viver, aquele que explica quem foram as pessoas que acabaram virando nomes de ruas por onde eles andam a pé, de bicicleta, de ônibus, aquelas mesmas ruas que, por falta de áreas destinadas ao lazer no lugar onde vivem, viram também excelentes campos de futebol e ótimas quadras de vôlei nos finais de semana que se sucedem enquanto eles crescem. O livro, objeto do mundo, entrou para a sala de aula. Eles entraram para dentro do livro. Eles saíram do livro... Saíram mais fortes, diferentes. Outros livros estavam entrando juntos, e já não doía tanto ter de lê-los. Mas era preciso duplicar essa via de mão única. E de novo tudo começou: "Agora ela quer que a gente escreva um livro. Já não chega ter que ler???"

Setembro de 1991. O livro, objeto do mundo de verdade, está sendo escrito também por alunos de quinta série, de quintas séries comuns e com todos aqueles velhos problemas que toda quinta série que se preza apresenta: desorganização, indisciplina intelectual, transtorno afetivo... Mas o livro está saindo deles, em meio a todas essas confusões. Às vezes sentimos vontade de desistir. Mas àquelas alturas já não dava mais: o livro estava desentando, a fala tentava desajeitadamente se transformar em texto, a escrita, as leituras dos textos para os grupos, os palpites dos colegas, a reescrita e até a brabeza deles estava se transformando no objeto de desejo que ainda não tinha corpo (Quantas páginas daria tudo aquilo quando fosse transformado em livro??? Teria cara de livro???). Nas salas de aula das quintas séries, corria, junto

com essa ansiedade, o medo insuportável dos passos no escuro que estávamos dando na primeira das nossas primaveras que ocuparíamos na finalização da produção de livros.

Dezembro de 1991. “O pai do Rochinha é confeitiro, professora. Ele diz que faz o bolo pra festa de lançamento do nosso livro. É só a gente fazer uma vaquinha pra comprar os ingredientes.”

O medo ia dando espaço para uma alegriazinha miúda que ia aparecendo em forma de moedas, as preciosa moedas que comprariam a farinha, os ovos, o fermento, o açúcar e os sonhados morangos que recheariam e cobriam o bolo que, segundo eles, teria de ter formato de livro. Também juntamos moedas para pagar a gráfica que imprimiria as quase franciscanas capas que apresentariam os textos que contavam a história do povo que fez aquele lugar: as famílias deles. Mas o medo continuava ali. As capas estavam prontas, o bolo para cerca de oitenta pessoas estava encomendado, mas o livro não existia ainda, porque a professora ainda estava digitando os textos. Os convites já haviam sido entregues, o dia da festa estava marcado. O medo continuava ali. Final da primeira semana de dezembro e o medo quase foi embora: os textos estavam digitados, já não eram uma pilha de manuscritos dispostos em folhas de diversos tamanhos. Não, aquilo era quase um livro. Festejamos para enfraquecermos a sombra do medo. Agora só faltava xerocar tudo aquilo, grampear a capa e tentar, assim como uma espécie de Colombos, botar não o ovo, mas sim, o livro em pé. Seriam 70 exemplares reproduzidos em cópia xerox, cada aluno levaria um para casa para mostrar pra família,

---

pra vizinhança, pros amigos da comunidade. O livro que saíra deles, assim como aqueles que liam na biblioteca de sala de aula, teria leitores, receberia o sopro de vida e o *status* de um objeto do mundo de verdade, que foi feito numa sala de aula. Agora era esperar o grande dia.

Dia 20 de dezembro. A capa amarela trazia impresso em letras pretas o título comprido escolhido pelos alunos: *De lá vieram e hoje estamos aqui em Cachoeirinha*. Dentro da capa, os textos, dentro dos textos, as histórias que ouviram dos pais e que transformaram em textos. Nas histórias que ouviram e transformaram em textos, o resgate da importância que essas pessoas tiveram na formação do município. Dentro do resgate, a dor de quem se desgarrou da sua terra natal para buscar vida melhor na cidade grande. E nessas confissões feitas aos filhos e registradas nos textos com linguagem ainda de criança, descobriam-se parecidos e menos solitários. Muitos deles estavam ali, junto aos filhos, esperando o grande momento de botar o olho naquilo que tinham contado. Pais, mães, avós, irmãos, vizinhos, o Prefeito, a Secretária de Educação, o pessoal da Secretaria de Educação que xerocou e montou o livro, a Direção da escola, os professores.

A festa começou. A pilha de livros amarelos estava ali, no meio da sala. O bolo de morango com formato de livro também. O calor abafado encompridava mais as falas que prometiam ser curtas. De repente, as falas pararam e só cruzava o ar o nome dos autores que um a um iam sendo chamados para receberem seu livro. A pilha amarela ia diminuindo, e uma emoção multicolorida ia tomando conta da gente que se espremia dentro do salão. Viam-se e ouviam-se risos, choros discretos, gritos de "Olha aqui o

meu texto! Achei!”

O bolo começa a ser cortado pelo pai do Rochinha, mães ajudam a distribuir as fatias. Por um momento, os livros e o bolo de morango parecem se misturar e nessa mistura parecem querer mostrar que o mundo mal repartido deve ser repensado, que aquele povo que é capaz de fazer bolo, faxina, casas pode também aprender a escrever livro, que livro e bolo fazem parte da vida humana e, como tal, devem estar na mesa, na vida do povo.

E os corações emocionados pelos textos, e as bocas adoçadas pelo bolo de morango impediam os olhos de verem a má qualidade das cópias xerox, as capas meio tortas, as folhas que não foram guilhotinadas. Naquele momento nada disso parecia ter importância. O que vinha ao caso era que o nosso livro saiu, professora.

Dezembro de 1992. Queremos continuar estudando nesta escola, porque não conhecemos outra escola no município que tenha alunos que escrevam livros. Queremos continuar escrevendo.

Final da sexta série. A turma lança o seu segundo livro: *Vista Alegre, nossas opiniões e lembranças a respeito de um bairro que está diferente*. Com esse segundo livro, veio junto não só a consolidação da autoria desta turma, mas também a do povo da quinta série do ano de 92, que, tomada de brios, também resolveu fazer o seu livro: *A vinda do Interior para a*

*cidade grande*. Ninguém mais precisava ser convencido que era capaz de escrever para ser publicado.

Os alunos, reunidos em duplas ou grupos, saíram atrás da História do lugar onde viviam. E acharam, durante aquele ano, não só a História da comunidade, mas também a chance de se fazerem cidadãos. Alunos, pais, professores e direção tiveram de travar uma guerra contra a Secretaria de Educação para que a implantação das séries finais do Primeiro Grau na escola não fosse interrompida. Nas assembléias realizadas para definir os destinos da escola, nos momentos que os alunos tomavam a palavra, ao reafirmar seu desejo de continuarem estudando na escola, argumentavam que não conheciam outra escola no município que tivesse alunos escrevendo livros. Queriam continuar na escola, queriam escrever mais livros. A briga se estendeu de setembro a dezembro e só teve seu final no dia do lançamento dos livros das turmas.

Nesse dia, o dia de conhecer o livro, a situação era de confronto. De um lado, os alunos pais, professores e direção. Do outro, a secretária de Educação e o Prefeito. O pai do Rochinha não fez o bolo de morango com formato de livro, os alunos estavam vestidos de preto. Na mesa, bem no meio do salão, havia os livros. E foi aí, nesse lugar, que as pessoas tomaram a palavra pra dizer o que estavam pensando a respeito daquela situação. As bocas, sem a doçura do bolo de morango, colocavam pra fora suas falas reivindicatórias, pisando e repisando nas promessas de campanha do Prefeito em fim de mandato. As capas do livro, mesmo brancas, não funcionaram como sinal de paz, mas sim como armas contra

o desrespeito à confiança do povo. E foi em meio a esse acerto de contas que o Prefeito se comprometeu a dar continuidade à implantação do Primeiro Grau na escola.

Esses livros, por razões óbvias, não foram financiados pela Prefeitura. Foram as contribuições do CPM que possibilitaram sua publicação. Ficaram mais bonitos do que aquele primeiro, o do ano anterior, e não tinham sabor de bolo de morango, mas foram entregues aos alunos com um inesquecível gosto de participação e de conquista coletiva.

Março de 1993. Vamos escrever um livro sobre a conquista da implantação da sétima e oitava séries na escola!

Dezembro de 1993. E a idéia da Janaína foi acolhida por todos e se transformou no terceiro livro da turma. Nesse livro, além das reflexões sobre a conquista do ano anterior, muitas outras questões sobre Educação foram estudadas: analfabetismo na comunidade, qualidade do ensino nas escolas, leis referentes à Educação que eram desrespeitadas na comunidade, adolescentes que abandonaram a escola, etc.

Enquanto escreviam o terceiro livro de suas vidas, esses alunos fundaram o Grêmio Estudantil na escola.

E o dia do lançamento do livro foi uma festa que juntou três turmas,

uma sétima série e duas sextas e dois livros. Cada série com seu livro, cada livro com suas histórias. Os alunos de sexta série estavam indo para o seu segundo livro: *Passado, presente e qual será o futuro do bairro Vista Alegre?* Já os alunos da sétima estavam publicando seu terceiro: *Educação, mais uma amostra dos problemas do bairro Vista Alegre.*

Naquele dezembro foi instituída oficialmente a festa do livro dos alunos do Getúlio, uma festa que juntava alunos, pais, professores, funcionários e direção, numa união que ia desde a decoração do salão formado por duas salas de aula, as mesmas salas onde os textos eram escritos, discutidos e reescritos em nosso cotidiano escolar, passando pela tão esperada cerimônia de entrega dos livros aos leitores e terminando com o desmonte da festa que só voltaria à cena no dezembro do próximo ano.

Também naquele dezembro não houve, por decisão dos alunos, Secretário de Educação ou Prefeito presentes na festa. A vaquinha para pagar os ingredientes do bolo de morango desta vez foi trocada pela contribuição que pagaria a impressão em cópia xerox dos livros. Cada aluno e cada professor pagou o seu exemplar, e a escola pagou os exemplares para a divulgação. E os livros, donos de uma boniteza muito simples, abriram o seu definitivo espaço no coração daquela comunidade.

Dezembro de 1994. Nós achamos que os livros feitos por nós desde a quinta série nos trouxeram uma grande satisfação, pois nos tornamos um pouco escritores e muito mais do que leitores, pois sentimos na pele como

é difícil fazer um livro. Com esses livros trouxemos alegrias a nossos pais, professores e leitores que nos deram o maior apoio (Carina Petrich e Cristine Soares).

Último livro da primeira turma. O tema escolhido foi a cidadania no Brasil, a participação popular. A vida e os meses daquele último ano na escola foram preenchidos com muitas perguntas e buscas de respostas sobre Movimento Sindical, Movimento Negro, Movimento Ecológico, Movimento Estudantil, Conselho Tutelar, Associação de Moradores e Partidos Políticos.

Estudadas as diferentes instâncias de participação popular, a turma saiu a campo para descobrir como o povo de Cachoeirinha participava.

Durante a busca dessa resposta, adentraram a sala de aula presidente de Associação de Moradores, representante do Movimento Negro e Movimento Estudantil, representante do Conselho Tutelar. E junto com essas entradas, saíram das bocas dos alunos denúncias variadas, entre elas, a denúncia de abusos e violências contra crianças da comunidade, presenciadas por eles no dia-a-dia do lugar onde viviam. Investigadas pelo Conselho Tutelar, uma das denúncias foi levada adiante, o que certamente salvou da humilhação suas vítimas e mostrou para a turma a importância de não só se estar atento para o mundo que nos cerca, mas, principalmente, a importância vital da participação, da atuação. De tudo isso e muito mais saiu o livro *A desunião da sociedade reflete nos Movimentos Sociais de*

*Cachoeirinha.*

E chegou o último dezembro desta turma na escola. Com este dezembro a festa do livro, a última para esta turma que estava terminando seu Primeiro Grau. Dessa vez eram cinco turmas envolvidas de três séries diferentes (sexta, sétima e oitava séries) e quatro livros prontos. A vida real e os objetos do mundo tinham definitivamente entrado para as salas de aula. Havia o que ser comemorado. A construção tinha dado certo. Os livros tinham ficado em pé, assim como o ovo de Colombo.

1 *Mapas da cidade*, o livro do encontro.

Março de 1997.

DE UM LADO DA CIDADE...

Porto Alegre. Zona Leste. Morro da Polícia. Escola Municipal Marcílio Loureiro. Sexta série, turma 61, professora Jane.

DO OUTRO LADO DA CIDADE...

Porto Alegre. Zona Sul. Morro Alto. Escola Municipal Gilberto Jorge da Silva. Sexta série, turmas 61 e 62, professora Ana Cláudia.

Na sala de aula, o mundo tem de entrar de verdade. Na sala de aula precisamos realizar as coisas que estão no mundo... Foi assim, com essa convicção, que tudo continuou. E tudo continuou bem assim.

E as cartas, professoras, quando chegam??? Ou, o que era pior: E o livro, professoras, quando sai???

Vamos desenvolver correspondência interescolar com os nossos alunos durante este ano? Mas pra que escrever cartas, Ana? Mas pra que escrever cartas, Jane? Mas pra que escrever cartas, professoras???

Vamos escrever cartas para ler, encontrar, escrever e conhecer uma outra gente que é, ao mesmo tempo, parecida e diferente das gentes dos lugares onde vivemos. Vamos escrever cartas para fugir da sina do monólogo, do desencontro e da solidão que a Escola cria na gente. Vamos escrever e receber cartas porque queremos as coisas do mundo dentro de nossas salas de aula, porque queremos a vida por inteiro, com o desencontro que lhe é próprio, mas, principalmente, com o inevitável encontro que ela cria quando resolvemos fugir do destino que nos espreita atrás da porta.

As perguntas e as respostas acima levaram a outras perguntas:

Vamos fazer mais: vamos escrever um livro com nossas turmas, um

livro que fale, ao mesmo tempo, da gente do Morro Alto e da gente do Morro da Polícia? Aluno escreve livro, professoras??? Como organizá-los para que eles consigam escrever um livro, Jane? Como escrever um livro com alunos de duas escolas, Ana?

Essas foram as perguntas que deram início ao livro que acabamos fazendo com os nossos alunos durante o ano de 97 e que só dois anos depois, em abril de 99, lançado pela Editora Vozes, chegou às mãos dos leitores: *Mapas da Cidade: autoria, identidade e cidadania*.

Perguntas iam, perguntas vinham, e o projeto ia tomando corpo. As respostas iam aparecendo enquanto o trabalho acontecia. As cartas começavam a chegar. De um lado e de outro, os alunos iam tomando conhecimento dos livros do pessoal de Cachoeirinha e começavam a se animar para fazer um trabalho igual ou melhor do que aquele que tinham nas mãos. O pessoal do Marcílio sugeriu o tema: A história das nossas vidas. O pessoal do Gilberto gostou da idéia. Negociaram os subtemas e começaram a escrever. E das canetas de cores diversas e das folhas em branco iam brotando as histórias que saíam de dentro de cada um, idealizadas para serem lidas não só pelo seu correspondente ou pelos colegas de aula, mas por todos os leitores que, um dia, o nosso livro certamente teria.

E o livro assim como o corpo de seus adolescentes autores ia tomando uma forma mais definida à medida que crescia. Era preciso tomar cuidado

para que os quatrocentos e muitos textos que iam fazer parte dele não o transformassem em um calhamaço difícil de ser manuseado. Foi então que concebemos sua forma: um livro siamês, um livro que seria, ao mesmo tempo, um livro e dois livros. Um livro que teria dois inícios, dois fins, e um meio, um meio que juntaria duas comunidades de periferia urbana travando um amistoso diálogo entre si. Teria também duas capas, cada uma refletindo o colorido que podemos encontrar no povo quando abrimos os olhos para vê-lo sem estereótipo e preconceito.

Trabalhamos duro de março a novembro de 97. Nesse meio tempo, os alunos se conheceram pessoalmente nos encontros organizados pelos dois lados. Desses encontros brotaram paixões, namoricos, dores de cotovelo, amizades, enfim, elementos que só realimentavam o trabalho que fazíamos em nossas salas de aula. Nesse período, além de se ocuparem da escrita e reescrita dos textos sobre suas histórias de vida, as turmas liam os textos dos colegas de aula, liam os textos dos colegas da outra escola e produziam textos coletivos sobre tudo o que haviam lido a respeito de si e do outro. Outras atividades desenvolvidas a partir do tema história de vida foram os gráficos elaborados nas aulas de Matemática e as ilustrações, que tinham por tema paisagens dos dois lugares.

E o livro, assim como nossos alunos, tinha pressa de nascer e de se mostrar. Queríamos ele para a Feira do Livro. Mas ele não veio. E daí a pergunta aquela que aparece no título desse artigo que vos fala, começou a nos perseguir: "E o livro, professoras, quando sai???" Nossas respostas começaram a parecer conversa fiada para os alunos: Sai em abril, no

Seminário Nacional de 1998. Não saiu. Sai em julho no Seminário Internacional, pois já estamos negociando com a Editora Fulana de Tal. Não foi dessa vez ainda. Sai na Feira do Livro de 1998. De novo não deu. Gente, agora sai, pois a nova editora e a Secretaria de Educação prometeram que não passa do Seminário Nacional de 1999, lá por abr... Mas professoras, quando é que esse livro vai sair mesmo, PÔ!!!

E chegou o prometido e tão duvidado abril de 1999. Com ele o dia 14, dia de conhecer o sonhado livro. Das duas pontas da cidade, descem dos morros dois ônibus carregando os cerca de 72 adolescentes que iam se encontrar no coração da cidade para receberem, autografarem e entregarem para ela e para o mundo a sua valorosa colheita. E foi bem assim que se deu essa entrega, né Ana?

2 Quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação...

Ninguém entendia mais nada àquela altura dos acontecimentos. Como é que é mesmo, professora? Pra onde é que eu vou agora? O que eu vou ter que fazer? Quer dizer que eu vou ter que ficar ali? Ué, cadê o meu livro? E o meu? Eu não ganhei, eu não ganhei!

A gente estava nos bastidores do Salão de Atos da UFRGS com quase todos os 72 alunos que participaram do projeto. Faltavam mais de 15 minutos para a hora que estava oficialmente marcada para começar o lançamento, e nada do que fora combinado estava sendo seguido. A cortina grossa

ainda separava a mesa onde os palestrantes falavam da parte do palco onde estavam as classes dispostas em arco com os 37 lugares do primeiro grupo de alunos que iria autografar o livro. Deram instruções para que os alunos fossem sentando, e os livros ainda estavam encaixotados. Achei que a Jane ia ter um troço. Os livros começaram a ser distribuídos apressadamente, enquanto uns alunos ocupavam os lugares disponíveis e os outros ficavam nervosos por terem de sair dali e aguardarem sua vez na platéia.

O pessoal da organização esforçava-se para organizar. Os cochichos teimavam em amplificar-se. E o debate lá na frente não parava. As cortinas não se abriam: 11:30, 11:35, 11:40, 11:45... Não vi, me disseram... De repente, *fiat lux!* Alguma coisa mudou. Olhei para as camisetas da Escola Cidadã e tinham umas bocas sorrindo em cima delas. O nervosismo dos gestos abrandaram-se. E olhos cálidos olhavam o momento que, conforme idealizáramos, seria aberto ao público: o encontro do livro com o seu autor. O livro sendo folheado pelos alunos depois de quase dois anos de espera.

A magia não estava onde tínhamos imaginado: nenhum gesto extravagante, nenhuma súbita euforia, nenhum transbordamento emocional. Inspecionavam as páginas num mudo reconhecimento daquilo que era seu. O verde dos desenhos das paisagens da capa se adensando na lombada. O logotipo da editora. “Um livro com editora e com lombada!”, disse a Jane um dia antes, na sua antecipada cena.

Do lado de fora da capa, a paisagem também ficava verde. E os olhos de todos que, sendo pretos, castanhos, verdes, azuis, rasgados, oblíquos ou dissimulados, contaminados de esperança, eram agora todos verdes na calma e na alegria com que olhavam pra toda aquela plantação virada em fruto de outono em Porto Alegre. Quem me garante que não foi por isso que as paineiras teimaram em florir tanto este ano?

Na sessão de autógrafos que se seguiu, eu via painas – verdes – rumarem para lugares por nós nunca antes navegados: São Leopoldo... Minas Gerais... Rio de Janeiro... Canadá... Espanha... chega agora em Santa Maria que, com saudades, folheia o *Mapas da Cidade* e encontra, numa ponta, a Pinta e, na outra, a Nina.

Feliz descobrimento da América!